

Vem aí a guerra EUA-China? O risco da profecia auto-realizável

Há riscos elevados de se estar a criar um ambiente público onde a ideia que se instala é a de que uma guerra sino-americana é quase uma inevitabilidade.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 3 de fevereiro de 2023

1. No último ano, os horrores de uma guerra de grande dimensão voltaram à Europa com a invasão da Ucrânia pela Rússia em flagrante violação do Direito Internacional. É um conflito militar que não tem, nesta altura, com um ano praticamente volvido, qualquer fim à vista. Envolve já imenso armamento convencional, nalguns casos bastante sofisticado e sempre em crescendo, o que aumenta o potencial destrutivo da guerra.

Todavia, há mais preocupações. O facto de um dos beligerantes ser uma potência com um enorme arsenal nuclear, como é o caso da Rússia, é um motivo de adicional preocupação, mesmo admitindo que o risco do seu uso real, pelo menos no actual momento da guerra, é bastante baixo. Todavia, quem acompanhar de perto as declarações de altos responsáveis militares norte-americanos efectuadas nos últimos meses fica, provavelmente, com uma preocupação bem maior do que a da guerra por procuração (*proxy war*) que o Ocidente trava nesta altura contra Rússia: a de que uma apocalíptica guerra dos EUA com a China (ambos potências nucleares), devido a Taiwan, se aproxima.

2. Recordando as declarações em causa, em Outubro de 2022, o almirante Mike Gilday, que chefia a Marinha dos EUA, disse publicamente que os militares americanos devem estar preparados para a possibilidade de uma invasão chinesa de Taiwan em finais de 2022 ou em 2023. Anteriormente, em 2021, um outro almirante norte-americano, Philip Davidson, que chefia a Marinha norte-americana no Indo-Pacífico (Usindopacom) tinha também já referido, numa audição num comité do Congresso dos EUA, que os exércitos chineses poderiam avançar para tomar Taiwan à força antes do final da década, assumindo a China a primazia global.

Mas o episódio mais recente foram as afirmações do general Mike Minihan, que chefia o Comando de Mobilidade Aérea dos EUA, sediado na Base de Scott, no Illinois, feito num memorando interno. Aí referiu que a sua intuição lhe sugeria que os EUA poderão entrar em guerra com a China nos próximos dois anos, pelo que os militares sob seu comando deveriam preparar-se já para essa eventualidade. Todavia, importa notar, esta não foi uma declaração oficial do Governo norte-americano, nem do seu Ministério da Defesa, o Pentágono, e, ao contrário das anteriores, aparentemente também não tinha por objectivo uma divulgação pública.

3. Mas não são apenas as declarações de altos responsáveis dos EUA que sugerem a proximidade de um cenário sombrio de guerra com a China. Recentemente, em inícios de Janeiro de 2023, Mark F. Cancian, Matthew Cancian e Eric Heginbotham fizeram, para o Center for Strategic and International Studies (CSIS), de Washington, nos EUA, um jogo de guerra (simulação) que foi publicado sob o título *The First Battle of the Next War Wargaming a Chinese Invasion of Taiwan* (2023).

Ao contrário de outras simulações militares, normalmente reservadas, esta foi objecto de ampla divulgação pública. No sumário executivo do texto pode ler-se o seguinte: “O que aconteceria se a China tentasse uma invasão anfíbia de Taiwan? O CSIS desenvolveu um jogo de guerra para uma invasão anfíbia chinesa de Taiwan e executou-o 24 vezes. Na maioria dos cenários, os EUA/Taiwan/Japão derrotaram uma invasão anfíbia convencional pela China e Taiwan manteve-se autónomo. No entanto, esta defesa teve um custo elevado. Os EUA e os seus aliados perderam dezenas de navios, centenas de aviões e dezenas de milhares de membros do serviço. Taiwan viu a sua economia devastada.”

Por sua vez, nas conclusões, afirma-se num tom relativamente optimista quanto ao desfecho do confronto militar para os norte-americanos, que os resultados “mostraram que os EUA e Taiwan poderiam defender com sucesso a ilha mesmo sob pressupostos relativamente pessimistas. Isto é diferente das impressões de muitos observadores e constitui uma visão importante. A análise também indica que não há necessidade de os EUA considerarem estratégias altamente arriscadas, tais como ataques preventivos aos navios anfíbios chineses ou a utilização precoce de armas nucleares. A China correria enormes riscos ao lançar uma tal operação”.

4. A adensar o ambiente intelectual de que os EUA e a China podem estar destinados ao confronto militar está o livro já publicado em 2017 do professor da Universidade de Harvard, nos EUA, Graham Allison, *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides’s Trap? (Destinados à Guerra: Poderão a América e a China Escapar à Armadilha de Tucídides?)*, trad. port., Gradiva, 2021). Este colocou uma delicada questão (a qual é simultaneamente um aviso): a ascensão da China e a reacção dos EUA para a conter não se irão transformar numa “armadilha de Tucídides”?

A metáfora foi retirada da “História da Guerra do Peloponeso” de Tucídides, que nos deixou um relato das guerras entre Atenas e Esparta pela hegemonia no mundo helénico durante a Antiguidade Clássica. Mas o que dá mais que pensar no livro de Graham Allison é que a engrenagem dos acontecimentos que levam à guerra resulta muitas vezes, como a história mostra, da percepção de ameaça à sua posição de poder que se instala na potência hegemónica estabelecida. Por outras palavras, o facto de surgir uma outra potência que a pode superar pela riqueza, pelo comércio ou por outros factores de poder, é visto como inaceitável e predispõe à guerra para a travar.

5. Se as recentes declarações dos responsáveis militares norte-americanos forem levadas a sério (e sobretudo interpretadas à letra), temos muitos motivos para recear que uma trágica e devastadora confrontação militar sino-americana possa ocorrer num

futuro próximo. Claro que podemos também fazer outras interpretações mais benignas e razoáveis. Pode tratar-se, essencialmente, de aumentar o grau de preparação das forças armadas (e de sensibilização do poder político) para um hipotético cenário de guerra, na lógica da máxima latina *si vis pacem, para bellum*, ou seja, “se queres a paz, prepara a guerra”.

Seja como for, há riscos elevados de se estar a criar (e em crescendo) um ambiente público onde a ideia que se instala é a de que uma guerra sino-americana é quase uma inevitabilidade. Vale a pena aqui lembrar que a realidade (social) é também uma construção e que ao incutirmos este tipo de ideias na sociedade — que passam depois também a fazer parte do quadro mental dos decisores políticos — arriscamo-nos a entrar na lógica da profecia auto-realizada (*self-fulfilling prophecy*), tal como a descreveu o sociólogo norte-americano Robert Merton em 1948: “Uma falsa definição da situação que evoca um novo comportamento que faz com que a concepção originalmente falsa se torne realidade.”

Por isso, fazer declarações públicas que, por vezes, nos fazem lembrar algumas cenas do *Dr. Estranhoamor*, a memorável comédia negra sobre a ameaça militar-nuclear na Guerra Fria de Stanley Kubrick, não é a melhor forma de garantir a paz e segurança mundiais.

<https://www.publico.pt/2023/02/03/mundo/analise/vem-ai-guerra-euachina-risco-profecia-autorealizavel-2037534>